

MICHEL FOUCAULT E AS VONTADES DE VERDADE NO EDITORIAL DA REVISTA VEJA

André Luís A. Silva¹
Ariane Carla Pereira²

Resumo: O presente artigo visa tecer discussões sobre a prática jornalística da revista *Veja*, especificamente em seu editorial *Carta ao Leitor*. Para isso, toma-se como objeto de pesquisa as edições publicadas entre janeiro de 2011 e dezembro de 2016, que serão examinadas pela análise arqueológica de Michel Foucault, tendo como fio condutor o alerta para os possíveis efeitos do saber e a identificação das formas de exercício do poder. O principal objetivo deste trabalho consiste em identificar os saberes e as relações de forças presentes no periódico, as quais, buscam subjetivar seus leitores. As inquietações partem de como se compõe a ordem do discurso em seu editorial, e como torna-se possível sua produção através da seleção, do controle, da distribuição, do silenciamento, da exclusão e da limitação dos discursos. Ou seja, a proposta é evidenciar quais vontades de verdade *Veja* busca legitimar através de seus discursos, como o periódico constrói autenticidade e credibilidade junto a seus leitores para que esses tomem seus enunciados como verdadeiros.

Palavras-chave: Revista *Veja*. Análise de discurso. Saber. Poder.

MICHEL FOUCAULT AND WILLS OF TRUTH IN MAGAZINE EDITORIAL VEJA

Abstract: This article aims to discuss the journalistic practice of *Veja* magazine, specifically in its editorial *Letter to the Reader*. To this end, the research object is the editions published between January 2011 and December 2016, which will be examined by Michel Foucault's archeological analysis, with the guiding alert to the possible effects of knowledge and the identification of forms of knowledge. exercise of power. The main objective of this work is to identify the knowledge and the relations of forces present in the journal, which seek to subjectify its readers. The concerns start from how the order of discourse is composed in its editorial, and how its production becomes possible through the selection, control, distribution, silencing, exclusion and limitation of discourses. That is, the proposal is to highlight which truth desires *Veja* seeks to legitimize through its discourses, as the journal builds authenticity and credibility with its readers so that they take their statements as true.

Keywords: *Veja* magazine. Speech analysis. know. Power.

¹Mestre em História e Regiões pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: the.andreluis@hotmail.com

² Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: ariane_carla@uol.com.br.

Introdução

A inquietação pelos periódicos teve como consequência a edificação deste artigo, que visa tecer uma análise discursiva nas edições da revista *Veja* publicadas entre janeiro de 2011 e dezembro de 2016, problematizando os enunciados jornalísticos do periódico por meio de uma perspectiva desenvolvida sobre os eixos do saber e do poder, produzindo subjetividades. Instrumentos que nos permitem investigar como se desenvolvem as “relações entre sujeito e verdade” (FOUCAULT, 2004, p. 274), como o indivíduo entra em um certo jogo de práticas que o constitui.

Sob tal perspectiva, os conceitos de saber e de poder intercalam-se no desdobramento deste trabalho como instrumentos para analisarmos as relações entre os sujeitos. De acordo com Foucault (2016), o saber é mais do que um mero conhecimento, é o conjunto de construções humanas de um dado momento histórico. O saber é uma maneira de dominação para se chegar a uma verdade. Portanto, o(s) saber(es) precisa(m) ser compreendido(s) em relações de poder. Explicitar o funcionamento do poder em situações determinadas no tempo e espaço, é essencial para entendermos as relações humanas, dentre as quais aquelas que envolvem o Estado ou o governo. Foucault (2014a), tem uma concepção mais estendida sobre poder. Para o autor, o poder não é algo que se tem, mas algo que se exerce; é dinâmico, encontra-se em movimento, exercendo-se em forma de rede. Nesta concepção, não existe um único centro de poder, pois ele está espalhado em inúmeros lugares e momentos. Sem que percebamos, ele se entrelaça entre todos os sujeitos.

Dos vários espaços de *Veja*, este diagnóstico será feito especificamente em seu editorial, denominado *Carta ao Leitor*. As análises explanadas a seguir, são compostas pelo choque interior - interior (*Veja* com *Veja*) e interior - exterior (*Veja*

com outros discursos em circulação). O editorial mencionado é escrito semanalmente pelos redatores-chefes da revista, é um espaço identificado como uma seção informativa e opinativa. As *Cartas* possuem um fato e uma opinião. O fato informa sobre o que aconteceu e a opinião apresenta-se como a interpretação do acontecimento. Vale lembrar que *Carta ao Leitor* é publicada desde a primeira edição da revista em setembro de 1968. Situadas nas primeiras páginas de cada exemplar, as *Cartas* buscam apresentar a reportagem principal da edição, levantar críticas e, também, falar sobre a própria revista e suas práticas. *Carta ao Leitor* tem por objetivo informar, mas sem compromisso com a imparcialidade e objetividade. Assim, o eixo central deste artigo, tem por objetivo examinarmos as *Cartas* que enunciam vontades de verdade. Ou seja, como, através de seus enunciados, *Veja* busca construir credibilidade junto a seus leitores para que esses tomem seus discursos como verdadeiros. Nestas *Cartas*, a prática jornalística de *Veja* é utilizar o espaço para fala de si mesma, no intuito de alimentar sua autenticidade e legitimidade como veículo de comunicação.

Como nas pesquisas de Michel Foucault, a questão do discurso sempre teve seu lugar resguardado, haja visto que o discurso não se relaciona somente com a linguagem, mas também com o tempo, o espaço, o corpo (individual e coletivo). Assim, é importante destacarmos que os estudos sobre os periódicos possibilitaram uma nova reflexão a respeito da influência que a mídia desempenha sobre os sujeitos, como ela contribui para construir/desconstruir identidades, imagens e discursos, forjando assim, o espaço de sociabilidade e também nosso cotidiano. Neste panorama, é fundamental lembrarmos que os impressos caracterizam-se por serem, ao mesmo tempo, um espaço político e cultural, pois neles e através deles são expostos os debates e as discussões de uma nação, lugar de inúmeras práticas, onde se

articulam elementos, objetos e ações dos sujeitos. No caso da sociedade brasileira do período da pós-redemocratização, essa temática adquiriu maior importância justamente pelo protagonismo da mídia nos processos que envolveram a construção e a consolidação do regime democrático. Assim, os discursos veiculados por *Veja* foram fundamentais na constituição de narrativas do campo político no Brasil até os nossos dias atuais. Tendo em vista estas breves considerações iniciais, ressalto que em nossa época, os veículos de comunicação tornaram-se inesgotáveis e potentes fontes de produção de subjetividades, mas vale lembrar, também, que existem pontos de fuga, resistências, pois o discurso da mídia não é uma imposição que sufoca e prende os leitores, contudo, apenas um dos fios de um emaranhado discursivo que fabrica os indivíduos e os possibilita outras maneiras de ser. Ainda assim, é convincente a potencialidade destes enunciadores que desejam exercer poder sobre os leitores, apresentando opiniões, interpretações dos fatos, imaginários e valores que acreditam e defendem.

Em suma, este artigo propõe-se a analisar como os discursos jornalísticos constroem narrativas políticas para seus leitores, tendo em vista que seus enunciados produzem efeitos de verdade e encontram-se mergulhados em uma ampla rede de poder, no qual, a todo momento, prosperam articulações de elementos, objetos e ações dos sujeitos que inventam, organizam, definem e vivenciam experiências diversas no tempo presente. Assim, a relevância deste trabalho é por examinar o papel das mídias em nossa atualidade, em discutirmos como *Veja* apresenta-se como enunciativa dos projetos políticos que estão em jogo dentro do país, disputando com a História a produção de narrativas sobre o Brasil. As discussões de cunho teórico, são uma possibilidade de reflexão sobre o encontro de dois campos de saber: História e Jornalismo.

As vontades de verdade no discurso jornalístico de *Carta ao Leitor*

O que é um autor? Que importa quem fala? Estas foram algumas das indagações que motivaram as reflexões durante a conferência apresentada pelo filósofo francês Michel Foucault à *Société Française de Philosophie*, em 1969, na França. A proposta inicial foi pensar o que é um autor e as características fundamentais da função-autor. Foucault também questionou e criticou a autenticidade autoral que, muitas vezes, é sobreposta ao que é dito, fazendo o anonimato desprezível. Segundo Foucault, até o final do século XVIII, a maioria dos escritos circulavam sem assinatura e a expressão do autor poderia ser digna de pena. Decorrente das conquistas burguesas, entre elas o individualismo e a propriedade, emergiu, então, o autor individualizado e, junto com ele, a confiabilidade e a credibilidade em sua produção. “Estatuto que foi dado, a partir de que momento, por exemplo, pôs-se a fazer pesquisas de autenticidade e de atribuição” (FOUCAULT, 2009, p. 267). Tal noção de autoria individualizou as ideias e os conhecimentos. Assim, o conceito de autoria funciona dentro dos domínios do saber, individualizado, autêntico e valorizado. Portanto, o autor passou a ser não simplesmente

um elemento em um discurso, ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros. [...] o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso (FOUCAULT, 2009, p. 273).

Sob tal perspectiva, o autor passou a desempenhar uma função que é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. Para Chartier (2014), a função autor tem como característica a classificação dos discursos, permitindo exclusões ou inclusões

em um *corpus*, atribuível a uma identidade única. Seguindo este mesmo princípio, a função autor não é nem universal, nem atemporal, pois a sociedade possui diversos discursos que apresentam diferentes relações com a função autor.

Como detentor de um discurso apresentado, muitas vezes, como autêntico e confiável, os veículos de comunicação, como a imprensa escrita, são, assim, disseminadores de vontades de verdade. Desse modo, logo em sua primeira edição, *Veja* já explanava qual seria sua missão na sociedade brasileira em texto assinado por Victor Civita e publicado como *Carta ao Editor*.

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de *Veja* (*Veja*, edição 01, 11/setembro/1968, p. 21).

A seção *Carta ao Leitor* só ganhou este nome a partir das edições de abril de 1969, substituindo a antiga coluna denominada *Carta do Editor*, presente em *Veja* desde sua primeira edição. As primeiras *Cartas*, publicadas ainda nos anos 1968 e 1969, contavam com a assinatura dos editores-chefes da época, Victor Civita (1907 - 1990) e Mino Carta (1933). A mudança do nome da principal seção de *Veja*, afirmava ainda mais seus objetivos: falar diretamente com seus leitores e buscar um contato mais próximo, o que ao longo das décadas tornou-se uma característica da revista.

Assim, logo em seu primeiro discurso, Civita traça objetivos, busca promover a autenticidade e o compromisso de *Veja*, visando dar legitimidade a um veículo de comunicação que acabava de nascer no país. Seu discurso inaugural compreende o Brasil como um sujeito e os regionalismos como

uma ignorância a ser combatida. Mais do que uma revista de informação semanal, nascia, naquele contexto brasileiro, um dispositivo que interviria dentro dos espaços de sociabilidade, responsável pela fiscalização do poder público, contribuindo semanalmente na interpretação dos fatos, atuando na construção/desconstrução de identidades e na constituição do nosso modo de vida. *Veja* é apenas mais um entre os inúmeros outros já existentes que se aproveitam de seu caráter autêntico para noticiar, opinar, classificar, esconder, manipular, ludibriar, ou simplesmente optar pelo silenciamento do fato, visto que o que é publicado em um periódico parte de uma seleção.

Partindo do princípio da autoria, de sua função e do reconhecimento de *Veja* como um potente dispositivo interventor no meio social, o objetivo deste estudo é o de examinar como *Veja* busca reforçar/manter sua credibilidade frente aos leitores em um período politicamente e economicamente conturbado e confuso da história recente do Brasil, no qual os indivíduos encontram-se em uma crise moral, sem rumo e perspectiva de futuro. A investigação empreendida neste artigo encarregase em examinar (1) a prática que *Veja* utiliza para alimentar sua legitimidade e seu compromisso como veículo de comunicação, destacando sua trajetória e promovendo sua funcionalidade dentro do convívio social; (2) a prática da legitimação da verdade, o comprometimento de *Veja* com a objetividade, trazendo sempre a veracidade dos fatos para seus leitores; (3) o trabalho impetuoso e eficiente de *Veja* na apuração e investigação dos fatos relacionados à política brasileira. Para auxiliar na compreensão de tais práticas, a tabela a seguir foi elaborada de modo a permitir a visualização das temáticas abordadas em *Carta ao Leitor* das edições publicadas entre janeiro de 2011 e dezembro de 2016. Também, destaco através de um sombreamento na tabela, as temáticas que serão abordadas para as investigações

Tabela 01 - Temáticas de *Carta ao Leitor*, revista *Veja* (2011 - 2016)

TEMÁTICA DA CARTA	QUANTIDADE DE CARTAS
Temática central: Política brasileira Sub-temas: Democracia; Eleições; Corrupção; Congresso; Burocracia; Reforma política; Patrimonialismo; <i>Impeachment</i> ; Diplomacia.	80
Temática central: Revista <i>Veja</i> Sub-temas: Missão jornalística; Função social; Compromisso; Jornalismo investigativo; Conquistas; Trajetória; Liberdade de expressão, Revista <i>Veja</i> como manual; Guia político e econômico.	59
Temática Central: Economia brasileira Sub-temas: Protecionismo; Mercosul; Privatizações; Investimentos; Gastos públicos; Infraestrutura; Impostos; PIB; Inflação; Taxa de juros; Plano Real.	42
Temática Central: Sociedade brasileira Sub-temas: Cultura; Movimentos sociais; Desenvolvimento; Direitos Humanos; Manifestações; Consumo; Exclusão social.	39
Temática central: Poder Judiciário Sub-temas: Constituição; Investigações; PEC; Ministério Público.	35
Temática central: Política/Economia externa Sub-temas: Terrorismo; ONU; Manifestações; Eleições; União Europeia; Desenvolvimento; PIB; Conflitos.	26
Temática central: Carreira pessoal/profissional Sub-temas: Empreendimentos; Homenagens póstumas; Biografia; Celebidades.	18
Temática central: Cultura Sub-temas: Programas de TV; Internet; Novelas; Música; Religião; Redes sociais.	9
Temática central: Esporte Sub-temas: CBF; Olimpíadas 2012 e 2016; Copa do Mundo 2014; UFC.	5
TOTAL:	313

Fonte: O autor.

Das 313 edições publicadas no período analisado, 59 *Cartas* (18,8%) são utilizadas por *Veja* para se autorreferenciar, reforçando sua imagem de veículo digno de credibilidade e papel social:

A missão primordial de uma revista semanal de informação é organizar os fatos de modo que o leitor possa entender a realidade de uma forma coerente, contextualizada e útil para a vida dele. O mundo é complicado e, a cada semana, *Veja* se esmera em descomplicá-lo para você (*Veja*, edição 2206, 02/março/2011, p. 11).

Neste trecho, é importante destacar o que *Veja* elege como imprescindível para ser uma boa revista de informação. O periódico cria a noção de um mundo complicado e difícil se viver, depois encarrega-se de trazer para seu leitor notícias coerentes e contextualizadas, a fim de organizar sua vida, pois para *Veja*, seu público é alguém que necessita de um dispositivo que apresente o mundo de forma fácil, que

o descomplicar. *Veja* entende seu público apenas como receptores de notícias que, são organizadas e selecionadas para serem úteis em suas vidas.

Ao organizar e descomplicar os fatos, *Veja* confere a seus leitores uma versão, aquela apresentada como a correta, digna de confiança. Essa organização e esse descomplicar, dirigem o olhar do leitor que passa a ler o mundo, ser e estar nele a partir da perspectiva orientada por *Veja*, como é possível perceber na *Carta* publicada na edição de 13 de julho de 2011:

Veja não mudou. Continua, como sempre, fiel à missão definida por Rui Barbosa de ser «a vista da Nação», o instrumento pelo qual «[...] ela acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonégam, ou roubam [...]» (*Veja*, edição 2225, 13/julho/2011, p. 12).

Assim, na edição 2225, *Veja* reafirma para seus leitores e também para quem duvida do conteúdo publicado por ela que não se deixa cegar, ensurdecer e, muito menos, se calar diante dos acontecimentos. Características que ela confere a si mesma para reforçar o status de verdade de seus discursos num momento sócio-histórico de grande polarização política-ideológica no país. Ao presenciar a emergência de novas formas de produção e disseminação de informação, *Veja* exalta sua condição de “imprensa tradicional, que apura exaustivamente os fatos, esmiúça a realidade, fiscaliza o poder e denuncia os malfeitores” (*Veja*, edição 2226, 20/julho/2011, p. 12). Nesse sentido, sua história é usada como argumento:

Veja nunca perdeu de vista essa dimensão humana no cumprimento de sua missão de “informar, esclarecer e entreter o leitor, elevando seu nível de compreensão dos fatos, dos fenômenos sociais, políticos, culturais, econômicos e tecnológicos relevantes para sua vida pessoal, familiar e profissional”. Regularmente, desde sua criação, há 46 anos, a revista traz reportagens que abordam a necessidade de as pessoas buscarem respostas a suas mais profundas ansiedades, indagações e perplexidades (*Veja*, edição 2420, 08/abril/2015, p. 10).

Desta forma, *Veja* configura-se como um dispositivo biopolítico que busca regular, modular e transformar a vida pessoal, familiar e profissional dos indivíduos, levando respostas para suas ansiedades, indagações e perplexidades. *Veja* mostra a que veio, é necessário lembrar a todo instante a seus leitores qual é sua missão e funcionalidade, seu compromisso e sua utilidade em uma sociedade democrática. Também é notável em algumas *Cartas*, a exaltação de *Veja* a si mesma. O orgulho demonstrado pelas reportagens que faz, edições que publica, pela própria história e pela história do Brasil que desde 1968, não só conta mas ajuda a escrever. Gloriosa, então, afirma ao seu leitor que “se orgulha da excelência de seu jornalismo. Mas se orgulha, sobretudo, de mais uma vez cumprir o papel da imprensa livre” (*Veja*, edição 2390, 10/setembro/2014, p. 13), quando na edição de 10 de setembro de 2014 publica a *Carta*: *Uma edição memorável*. O mesmo já havia ocorrido anteriormente, por exemplo, na edição 2214, quando a revista publicou em 27 de abril de 2011 a *Carta*: *Veja funciona*, a qual a dava ênfase para suas denúncias de corrupção.

Nada dá maior sensação do dever cumprido a *Veja* do que verificar que um determinado trabalho de apuração resultou em providências por parte das autoridades no sentido de investigar as revelações feitas pelos profissionais da revista. Para nossa satisfação, isso tem sido uma constante história de *Veja*. São sinais gratificantes não apenas de que a missão jornalística continua essencial, mas também de normalidade democrática e vigor das instituições no Brasil (*Veja*, edição 2214, 27/abril/2011, p. 14).

Também, na edição de 25 de dezembro de 2013 em *Carta* que tratava da sua função na sociedade brasileira, tendo como princípios institucionalizados desde sua criação em 1968, a vigilância do poder público, denúncia de abusos e a busca por transparência.

Veja se mantém firme na trajetória vitoriosa que fez dela a maior, mais lida e mais respeitada

revista do Brasil. Uma análise de sua história de quase meio século mostra como traços definidores a independência, a coragem, o compromisso com a busca honesta da verdade, a disposição inarredável de servir em primeiro lugar o leitor e, nisso posicionar-se sempre a favor do Brasil (*Veja*, edição 2353, 25/dezembro/2013, p. 12).

Enaltecendo sua trajetória vitoriosa, *Veja* intitula-se como a maior, a mais lida e respeitada revista do Brasil, justamente em um período de baixa em suas vendas³. Desde 2012 a tiragem e a quantidade de páginas por edição de *Veja* têm diminuído por conta de uma crise instalada em todo o setor de impressos. O acesso a informação nas redes sociais de modo gratuito fez fechar editoras, livrarias, jornais e revistas. É justamente para enfrentar essa crise que *Veja* recupera sua história, para se mostrar importante frente seu leitor, leva-lo a compra-la seja em banca ou através de assinaturas. Nesta busca constante por legitimidade em *Carta ao Leitor*, *Veja* toma posse de sua história, apropria-se dela para se legitimar, por exemplo, quando *Veja* discursa sobre a censura⁴ que sofreu logo em seus primeiros anos de circulação, esse é um discurso no qual *Veja* retoma a um acontecimento que viveu, para se legitimar junto ao seus leitores no sentido de que ela sofreu censura, mas nunca deixou de cumprir sua missão, de esclarecer minuciosamente os fatos para seu público leitor.

3 O levantamento completo poder ser conferido em Mídia Dados 2011 - Grupo de Mídia de São Paulo: www.gm.org.br.

4 Segundo a biografia de *Veja* feita pelas historiadoras Muza Velasquez e Beatriz Kushnir de 2001, a revista teria sofrido censura inúmeras vezes entre os anos 1968 e 1976, a qual obrigava *Veja* a retirar parcialmente textos, fotografias e reportagens que colocassem em risco os princípios de defesa nacional. Entre 1974 e 1976 a revista passou a ser vigiada, toda edição antes de ser publicada deveria ser conferida por um censor do governo. A edição nº 15 de 18/dezembro/1968 e a edição nº 168 de 01/dezembro/1971 foram apreendidas pelos militares e retiradas de circulação. Ver mais em: KUSHNIR, Beatriz; VELASQUEZ, M. C. C. . VEJA (verbete). In: Alzira Alves de Abreu; Israel Beloch; Fernando Lattman-Weltman; Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão. (Orgs.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, v. 5, p. 6001 - 6005. Reitero que *Veja* legitima-se pelo fato para enaltecer sua persistência em informar os leitores mesmo dentro de um regime autoritário.

Ao longo de quase 43 anos de existência, *Veja* teve de driblar a censura da ditadura militar, foi ameaçada por extremistas de direita e esquerda [...] *Veja* ultrapassou toda sorte de obstáculos para exercer sua missão de fiscalizar o poder e denunciar os que subtraem a nação (*Veja*, edição 2229, 10/agosto/2011, p. 12).

Ao retomar as características do jornalismo para se autoexaltar, *Veja* tece comentários, ou seja, adiciona ideias novas e discursos já estabelecidos. Segundo Foucault (2014), o comentário é conceituado como um dos procedimentos de controle interno do discurso, surge da repetição, baseando-se em discursos pré-existentes ou pré-estabelecidos. Em *Veja*, os discursos que fiz referência se ocupam desta prática, pois são repetitivos, dentro de um pequeno espaço de tempo, mas que com o decorrer das publicações de cada edição, um discurso vem sempre se sobrepondo sobre o outro, seu reaparecimento é algo novo, pois trata-se de outra edição, de outro momento histórico. Complementar ao conceito de comentário, o autor, o qual possui a função de agrupar os discursos, portanto, nas *Cartas de Veja*, “o autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso” (FOUCAULT, 2014, p. 25). Ao retomar já-ditos para adicionar novos posicionamentos, *Veja* se vale de um comentário sem autor, já que a *Carta ao Leitor* não é assinada. Ainda em Foucault (2009), uma crítica radical é feita sobre o conceito autor, no qual o filósofo manifesta uma recusa ao autor como uma propriedade biográfica, chegando até mesmo a defender a ideia de um anonimato, que nos permitiria descobrir as lacunas, funções e espaços deixados pelo autor. Alinhando-se a este pensamento e, trazendo a discussão para a análise dos periódicos, Prado frisa que:

Quando examinamos um texto, como uma capa de revista ou uma reportagem, por exemplo, dele é possível deduzir um contrato de comunicação posto por um enunciador e dirigido a um enunciatário, caracterizando

uma ação comunicativa em que um discurso se instala ou se reinstala. O enunciador não é o jornalista em carne e osso, mas uma função-autor, uma entidade institucional de autoria (PRADO, 2013, p. 45).

Essa entidade é a própria revista - a mais antiga e tradicional entre as generalistas em circulação no Brasil. Ao exaltar o cumprimento, edição após edição, de sua missão enquanto veículo jornalístico, *Veja* também reitera que o faz porque seu compromisso é com seu público leitor, que espera dela sempre a versão mais próxima do que seria a realidade, isto é, a verdade. A prática de dizer o verdadeiro, então, também é explorada na *Carta ao Leitor* como característica crucial de *Veja* e seu maior diferencial.

Desde o seu primeiro número, em setembro de 1968, nunca paramos de buscar a verdade, de pôr a mão onde muitos tiveram medo de fazê-lo, de denunciar o que deveria ser denunciado [...] o rigor no trato com as informações sempre nos guiou, sem compromisso com o erro (*Veja*, edição 2338, 11/setembro/2013, p. 13).

Novamente, *Veja* trabalha com seu passado, um passado legitimador de seus atos, salientando seu comprometimento desde sua primeira edição, exercendo seu dever em denunciar as mentiras e buscar rigorosamente a verdade, sem espaços para erros. É importante para *Veja*, lembrar os leitores de sua trajetória, o que *Veja* fez e o que *Veja* enfrentou. Utilizar-se do passado, continua sendo para *Veja* uma estratégia, também, um suporte no qual em vários momentos ela recorre. E, assim, *Veja* convoca seu leitor a compartilhar de suas mesmas posições, como na edição de 17 de setembro de 2014. quando publica uma *Carta* sobre a campanha política suja, mentirosa e manipuladora que Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores (PT) estão fazendo na televisão. A edição 2391, então, mais uma vez, é responsável por jogar luz nas trevas políticas brasileiras.

O que o PT produz quando controla a mídia? Mentiras, exageros, manipulações e acusações falsas, que fariam a desgraça de qualquer órgão de imprensa sério e independente. Felizmente vivemos em uma democracia e *Veja*, mais uma vez, cumpre seu papel nela, desmascarando mentiras dadas como verdades. Esse é o nosso compromisso com o leitor, e nele vamos perseverar (*Veja*, edição 2391, 17/setembro/2014, p. 12).

A legitimação da verdade no discurso de *Veja* vem sempre acompanhada de palavras como democracia e Brasil, as quais potencializam o discurso na medida que unem os leitores, independente do viés político. É uma estratégia de persuasão utilizar palavras, símbolos e valores morais para criar laços de pertencimento e emocionais. Trata-se de um meio fácil de quebrar barreiras com o público e, assim, conquistar empatia e construir uma imagem limpa e honesta de si mesma.

Em seus 46 anos de história, *Veja* sempre esteve ao lado do Brasil e, nessa trincheira, muitas vezes contrariou governantes, partidos e políticos por revelar fatos incômodos que eles preferiam manter longe dos olhos do público. *Veja* tem compromisso com a verdade, com o leitor e com o Brasil (*Veja*, edição 2398, 05/novembro/2014, p. 14).

Seu compromisso com a verdade, também está associado em confrontar políticos e partidos, ao mesmo tempo que enaltece seus leitores, é algo que fortalece os discursos de *Veja*.

É missão e vocação editorial de *Veja* discutir os temas que afetam a vida de todos nós. [...] Esse é o papel da imprensa livre e também é, simultaneamente, causa e efeito da democracia. Com iniciativas assim, *Veja* acredita manter seu compromisso de aprofundar o conhecimento e buscar a verdade (*Veja*, edição 2477, 11/maio/2016, p. 10).

A obseção pela verdade é uma estratégia eficaz de convocação dos leitores para que consumam o mesmo posicionamento - já que verdadeiro - da revista. Ou seja, é uma convocação que tem como intuito “construir um conjunto de pertencimento em que os valores comuns são postos e repostos na busca de uma identidade” (PRADO, 2013, p. 54).

As razões de *Veja* são sempre as mesmas: a busca pela verdade em nome do leitor e no interesse do Brasil. Sempre. [...] É assim porque o compromisso de *Veja* não é com os amigos, os governos, os anunciantes, nem mesmo com os acionistas da editora que publica a revista. Faz parte do código genético da revista ter, manter e honrar o compromisso com Sua Excelência, o Leitor (*Veja*, edição 2493, 31/agosto/2016, p. 10).

A verdade de *Veja* é, apenas uma das verdades possíveis na medida em que, segundo Foucault (2016), a verdade não existe a priori, ela é permanentemente inventada, construída e imposta; trata-se de uma produção que emerge através de relações de saber e poder. Antes dele, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2007) conceituou a verdade como uma ilusão, uma enganação feita para manter nosso corpo e nossa mente adestrados. A verdade, assim, trata-se de uma imposição daqueles que exercem o poder. A verdade não é algo natural, mas uma invenção útil.

Ela é produzida graças a múltiplas imposições. É ela que detém efeitos regulados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, ou seja, os tipos de discursos acolhidos por ela os quais ela faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obter a verdade; o status dos que têm a tarefa de dizer o que funciona como verdade. [...] ela é produzida e transmitida sob o controle não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidades, exércitos, escritura, mídias); por fim, ela é o que está em jogo (FOUCAULT, 2011, p. 217).

Portanto, a verdade é construída, é imposta, centrada dentro dos discursos científicos e nas instituições que a produzem. Tal sistema de instituições são os lugares e as pessoas vinculadas a eles, que possuem autorização para o dizer, ou seja, locais onde emergem e são impostos saberes. Como exemplo, Foucault trouxe em suas pesquisas as prisões, a psiquiatria, o manicômios, a medicina e, seguindo sua análise, na atualidade, podemos incluir os veículos de comunicação como instituições que

detêm poder de fala e, ainda carregam consigo mesmo o estatuto de ser a voz da verdade nas sociedades contemporâneas que, como afirma Chartier, certifica e atribui veracidade a “alguns discursos e não a outros” (CHARTIER, 2014, p. 40). De acordo com Foucault (2016), o saber é compreendido como uma forma de dominação para se chegar a uma verdade, a exemplos do saber médico, religioso, jurídico e, nesta análise, o saber jornalístico, construído através de uma série de regras e imposto na sociedade, ele é fruto de um conjunto de enunciados, que se ordenam devido a prática discursiva.

A busca pela verdade é uma meta que os jornalistas devem ter ao realizar seu ofício. Neste ponto, entendo que há uma convergência entre jornalistas e historiadores, pois ambos em suas narrativas chegarão a verdades possíveis. Com efeito, a imparcialidade, isenção e neutralidade dentro dos enunciados jornalísticos, nada mais são do que grandes mitos, são “palavras que se repetem nos livros sobre noções e técnicas de reportagem e nos manuais de redação. Conceitos, aprendem os jornalistas em sua formação, que devem sintetizar a trajetória de apuração e escrita das reportagens” (PEREIRA, 2010, p. 29). São princípios impossíveis de serem alcançados. O mito da objetividade nos meios de comunicação é aguçado por pelo menos três pontos. O primeiro deles é que os profissionais em seu ofício não conseguem desprender-se totalmente de suas convicções, crenças e percepções de mundo. O segundo ponto, é que nós, seres humanos, não contamos os acontecimentos necessariamente como vemos, e isto acontece com os jornalistas quando narram ou escrevem os fatos. Terceiro ponto, como destaca Pereira (2010), ao elaborar um texto, o jornalista é levado a fazer escolhas, desde o vocabulário as fontes e o que dirão no texto. São decisões tomadas de forma subjetiva. O debate sobre a imparcialidade

e a neutralidade dos veículos de comunicação é até um tanto remoto, visto que vários pesquisadores de diversas áreas de conhecimento vieram ao longo do tempo alimentando esta discussão, debatendo sobre a história da/na imprensa, seu desenvolvimento e função na sociedade.

Em *Veja*, a busca constante por conferir legitimidade e veracidade ao discurso, é o que Foucault (2014) chamou de vontade de verdade, um princípio de exclusão/separação dos discursos verdadeiro e falso, sustentado por um sistema de instituições que o produzem, conduzem, aplicam, valorizam e atribuem regras para o seu funcionamento. O foco da análise em *Veja* é de que ela produz um discurso que traça seus objetivos, sua missão jornalística, e isso é colocado como uma verdade, *Veja* utiliza sua autoria para obter a credibilidade, para mostrar aos seus leitores que o seu ofício é verdadeiro. E, dessa forma, esse discurso busca excluir a dúvida, o debate, o confronto com outros veículos de comunicação e os devidos questionamentos sobre a função desempenhada por *Veja*.

Tanto Foucault, quanto Chartier, apontam a autoria como uma função que se desenvolveu ao longo de um processo histórico⁵. Assim, na atualidade, o nome do autor, quase sempre, é o que dá sustento e autenticidade a um discurso, conferindo a ele estatuto de veracidade. Dessa forma, desde seu processo de modernização, no começo do século passado, o jornalismo pouco a pouco foi adquirindo o caráter e o status de um

5 É importante frisar que os autores discordam sobre o momento histórico em que a autoria passou a conceder autenticidade ao discurso. Para Michel Foucault, trata-se de uma conquista burguesa do final do século XVIII. Na revisão de Roger Chartier, foi no final do século XV com o surgimento da prensa móvel. Sobre esta discussão recomendo: FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. Ditos & Escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264 - 298. Também: CHARTIER, Roger. O que é um autor? Revisão de uma genealogia. Trad. Luzmara Curcino e Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

quarto poder⁶. Imagem assumida por *Veja* ao se colocar na posição de defensora dos interesses do Brasil e dos brasileiros.

Desde que começou a circular, em setembro de 1968, a revista só tem um lado: o da defesa intransigente do Brasil. Em seus 48 anos de existência, *Veja* sempre se pautou pela luta por um Brasil em que o progresso econômico e social com igualdade de oportunidades para todos fosse a base de uma sociedade aberta, democrática, tendo a economia de mercado como motor da criação de riqueza. *Veja* sempre esteve entre as forças da nação que se unem em torno dos valores éticos comuns às sociedades civilizadas e avançadas (*Veja*, edição 2466, 24/fevereiro/2016, p. 10).

Veja salienta, desse modo, que para uma sociedade avançar é necessário a manutenção de pilares como a democracia e a igualdade de oportunidades e aponta a economia de mercado como caminho para se alcançar o progresso e gerar riquezas. Ou seja, *Veja* insere um conceito do neoliberalismo entre as lutas e os valores da sociedade brasileira ao assumir e enunciar tal posicionamento, *Veja* alinha-se ao que Pereira (2018) define como jornalismo contemporâneo, praticado em tempos de governamentalidade neoliberal apresenta-se como um mecanismo poderoso de poder que, pela máscara da isenção, coloca-se como voz da verdade e atua como um instrumento de ação sobre o meio, sobre populações.

Conduzas essas que são guiadas, assim, a partir de uma perspectiva neoliberal do que é o sujeito, a economia, o trabalho, a política, entre outros. É assim que as pautas ligadas ao combate a corrupção no Brasil ganham destaque em *Veja* no período analisado. Investigações que também são defendidas em *Carta ao Leitor*.

Na semana passada, caiu mais um ministro que integrava o governo de Dilma Rousseff - Wagner Rossi, da Agricultura, abatido em

6 Faço alusão à obra do jornalista Paulo Henrique Amorim, que utiliza a expressão para destacar o poder e a influência dos veículos de comunicação em relação à sociedade e também aos três poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário). Ver mais em: AMORIM, Paulo Henrique. O quarto poder: uma outra história. São Paulo: Hedra, 2015.

meio a uma colheita de malfetorias revelada pela sucursal de *Veja* em Brasília. Antes dele, foi a vez do ministro dos Transportes, Alfredo Nascimento, ser abalroado por denúncias desta revista (*Veja*, edição 2231, 24/agosto/2011, p. 12).

Veja estabelece ênfase em denunciar a corrupção no Brasil e, ao mesmo tempo, ser uma instituição de vigilância e de fiscalização do poder. A *Carta* manifesta que a revista está presente neste combate e influente nas investigações e denúncias que abalaram o país. No discurso vigilante e fiscalizador de *Veja*, também, estão presentes metáforas, as quais introduzem o leitor ao texto e expandem sua compreensão. Ao mesmo tempo em que *Veja* emite um discurso duro sobre a política, utiliza as palavras *abatido* e *colheita* para expressar em tom irônico a demissão do ministro e seu envolvimento com corrupção. Fato que seria consequência do trabalho realizado pela revista em três edições anteriores:

A sucursal de *Veja* em Brasília é a sentinela avançada da luta contra a corrupção por meio de reportagens investigativas. [...] O trabalho constante e disciplinado de investigação da sucursal já prestou inestimáveis serviços ao Brasil. [...] ao contrário do que às vezes possa parecer, a imprensa tem uma influência tremenda quando trabalha com rigor e transparência (*Veja*, edição 2228, 03/agosto/2011, p. 13).

Num Brasil que aos olhos de *Veja* é um sujeito cego, ignorante e incapaz de compreender seu próprio cotidiano, a revista assume a responsabilidade (como prega o ideário neoliberal) de destrinchar regras e valores, mostrar os caminhos e, sobretudo, emitir alertas.

Veja se orgulha de ter desempenhado um papel fundamental em mais esse processo de depuração da vida política nacional. Foram os repórteres da revista que captaram os primeiros sinais da doença que tomava Brasília ao publicarem o vídeo em que um diretor dos Correios embolsava uma propina em dinheiro vivo. A partir daí, *Veja* foi puxando o fio da meada até constatar que, ao que tudo indicava, a podridão havia subido a rampa do Palácio do Planalto e se instalado nas imediações e até no próprio gabinete presidencial (*Veja*, edição

2287, 19/setembro/2012, p. 12).

Novamente o discurso metafórico é percebido, fazendo a analogia de que o Brasil/sujeito está tomado por uma doença, a corrupção. Logo, *Veja* já efetuou o diagnóstico e, agora, espera o remédio para sanar o paciente.

Lustra nosso orgulho o fato de *Veja* ser o órgão jornalístico que mais revelações exclusivas vem fazendo sobre o escândalo do petrolão. Mas o que realmente nos alegra é constatar que as instituições estão funcionando no Brasil, com independência e harmonia entre os poderes e com o primado da Justiça (*Veja*, edição 2454, 02/dezembro/2015, p. 10).

O destaque desse recorte é o petrolão. É necessário dar nomes para que exista alguma coisa e/ou objeto. Como afirma Foucault (2007), os discursos não devem ser compreendidos como um conjunto de signos, mas como uma prática que forma sistematicamente os objetos de que falam. Assim, as coisas e os objetos em si não existem, são construções realizadas a partir da prática discursiva.

Nesse percurso, *Veja* recebeu aplausos e vaias, como sempre ocorre quando a revista assume um papel destacado pela vigilância sobre o poder. [...] É com orgulho que *Veja* registra as oscilações. Por operarem em polos opostos, ora à esquerda, ora à direita, elas revelam a retidão com que a revista procura cumprir sua missão de vigiar o poder - qualquer poder. [...] *Veja* recebe críticas e elogios com naturalidade e respeito, mas não abre mão de vigiar o poder e divulgar o que sabe, alicerçada na convicção de que a informação é o oxigênio da democracia (*Veja*, edição 2478, 18/maio/2016, p. 15).

As reportagens investigativas de *Veja*, de tão primorosas, enuncia a revista, vão além de informar o leitor, sendo a revista chamada a colaborar com os órgãos competentes para este ofício:

Incontáveis vezes, a revista forneceu, a pedido do Ministério Público, gravações, vídeos, fotografias, documentos, anotações obtidas por seus repórteres durante a apuração de casos de corrupção. Em inúmeras circunstâncias, reportagens de *Veja* foram tomadas como base para a abertura de inquéritos e até de comissões parlamentares de inquérito no Congresso Nacional (*Veja*, edição 2428, 03/junho/2015, p. 10).

Os últimos recortes chamam a atenção pelo modo com que denunciam a corrupção. Importante salientar que, *o mar de lama* presente na sociedade brasileira, é uma prática no jornalismo que já ajudou a destituir outros presidentes desde 1950, no Brasil. Portanto, o discurso de *Veja* não é inovador, mas regido por uma cultura política e, por isso, utilizado de maneira estratégica nas *Cartas*. É fato que a imprensa é um dos pilares que sustentam um regime democrático de qualquer país, sendo livre e independente. O que destaca é a disposição de *Veja* por abordar a corrupção no Brasil e, sobretudo, a partir de uma investigação própria dos fatos. Afinal, a temática e o modo de abordagem reforçam e promovem a credibilidade da revista.

A prática jornalística na contemporaneidade, não se limita a apenas informar a sociedade através de seus noticiários, mas também é nítido o interesse de moldar populações, estabelecendo modos de ver, sentir e agir, dentro de uma esfera individual ou coletiva. Ao informar a sociedade, o jornalismo oferece, simultaneamente, modos de ler o mundo e posicionar-se nele. Isso é possível pelo fato de que vivemos em uma “sociedade de discurso” (FOUCAULT, 2014, p. 38) que controla, limita e impõe regras para seu funcionamento. As *Cartas* de *Veja*, possuem o direito privilegiado de falar e disseminar saberes em uma sociedade de discurso. Sua produção, de certa, forma é conservadora, pois o número de indivíduos que discursam dentro dela, a revista, é limitado.

O que busquei evidenciar nestes três blocos de análises, foram as práticas utilizadas por *Veja*, ao longo dos anos, para a manutenção de uma imagem de revista comprometida com seus leitores, por isso digna de credibilidade e autenticidade. *Carta ao Leitor* enuncia vontades de verdade destinadas a legitimar a prática jornalística como um discurso confiável,

de referência. A recompensa pelo desempenho destas atividades é receber o estatuto de verdade e a credibilidade depositadas pelos leitores. Em uma leitura foucaultiana, saber e poder são conceitos indissociáveis, trabalham articulados. Assim, toda vontade de verdade corresponde a uma luta pelo poder. É por isso que para *Veja* a manutenção de sua reputação é tão importante. Afinal, é esse estatuto que a torna apta a exercer poder sobre os indivíduos, porque seus leitores depositaram nela confiança. A questão de poder, deve ser pensada como relações, caracterizando-se como modos de ações complexas, pois não é único e estável, mas configura-se como uma rede, no qual todos os indivíduos, instituições e governos o exercem, e também se submetem. Nesta análise, toda relação humana é um jogo de poder.

Os diagnósticos realizados em *Veja* nos direcionam para as características de uma sociedade de discurso, de um regime de verdade que se centraliza em uma instituição, a imprensa e também em um discurso, o jornalístico. Os trabalhos de Foucault já nos atentaram sobre essa prática, encontrada em instituições como a psiquiatria, a medicina e as prisões. “O discurso verdadeiro era o discurso pronunciado por que tinha o direito de fazê-lo” (CASTRO, 2016, p. 422). O desejo de verdade, que tanto inquietou Foucault, nos encaminha a uma consequência, de separarmos o que é verdadeiro ou falso, o que é racional ou uma loucura, o que é normal ou anormal, consolidado por instituições que detêm o saber e o poder de fala. Neste trabalho, não diferente do que Foucault (2014) já explicitava em suas obras, o discurso de fato está relacionado com o desejo e o poder.

No editorial *Carta ao Leitor* está a fonte da energia necessária para manter *Veja* um potente veículo de comunicação, legitimar seus discursos tem sido uma prática cada vez mais

constante e fundamental para alcançar conduções, grandes vendas, conquistar novos públicos e assim sucessivamente no propósito de sempre rejuvenescer a cada edição. A constante busca pela legitimação dos próprios discursos tem por finalidade a obtenção da credibilidade e da confiança por parte do público chave para a condução de conduta. Assim, não se trata apenas de uma *Carta* dirigida aos leitores, mas um guia para dirigir suas interpretações e os seus passos.

Considerações finais

Nas discussões apresentadas neste artigo buscou-se trabalhar com a revista *Veja* numa compreensão dos impressos como integrantes de um jogo de forças, ou seja, como dispositivos que funcionam como uma via de mão dupla, se de um lado trafegam a subjetividade, o controle, e a condução da população, no outro sentido transitam as notícias, a fiscalização, as denúncias de abusos e crimes, assim, tornando-se uma voz essencial que repercute os anseios da sociedade.

Ao acompanharmos a trajetória discursiva de *Veja* pudemos perceber sua função social caracterizada por um trabalho contínuo e repetitivo. Portanto, o que buscamos neste artigo, foi mapear e discutir as práticas utilizadas por *Veja*, ao longo dos anos, para a manutenção de sua imagem. Uma revista comprometida com seus leitores, por isso digna de credibilidade e autenticidade. As *Cartas* de seu editorial, enunciam vontades de verdade destinadas a legitimar sua atividade jornalística como confiável e de referência. A recompensa é receber de seus leitores o estatuto de verdade e, por este motivo, a manutenção de sua reputação é tão importante, pois, é justamente sua credibilidade que a torna apta para exercer poder sobre os indivíduos. Assim, as *Cartas* de *Veja* conquistaram o direito privilegiado para disseminar objetivações

que visaram subjetivar seus leitores em cidadãos honestos, que combatem a corrupção e fiscalizam políticos, em sujeitos que simpatizam com a política neoliberal para resolução dos problemas no Brasil. É a partir de seu editorial que *Veja* busca descomplicar o Brasil e o mundo para seus leitores, guiá-los, esclarecer os fatos e promover receituários, modos de ler a política e posicionar-se sobre ela. *Veja* se caracteriza não só como um jornalismo interpretativo, mas também como uma voz de verdade, que distingue o que é normal, científico, racional, apresentando-se como um manual de instrução, descrevendo receituários para a vida de seus leitores, tendo como finalidade apontar, alertar e resolver problemas. A função de guia desempenhada por *Veja* tem como levar seus leitores a seguirem um caminho, o que a revista defende como correto, a aderirem à comportamentos conformes, conduzindo-os à uma maneira de pensar, ser e estar no mundo.

Referências

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault - um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. Trad. Luzmara Curcino e Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42.ed. Petrópolis: Vozes, 2014a.

_____. A função política do intelectual. In: _____. **Ditos & Escritos VII - Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

- _____. O que é um autor? In: _____. **Ditos & Escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema.** 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** 9ª ed. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: _____. **Ditos & Escritos V - Ética, sexualidade e política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- KUSHNIR, Beatriz; VELASQUEZ, M. C. C. . VEJA (verbete). In: Alzira Alves de Abreu; Israel Beloch; Fernando Lattman-Weltman; Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão. (Orgs.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930.** 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, v. 5, p. 6001 - 6005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdades e mentiras no sentido extra-moral.** Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.
- PEREIRA, Ariane Carla. **Ser mãe é... A maternidade normalizada pelo discurso jornalístico.** Curitiba: Appris, 2018.
- _____. **Rota 66 em revista - as resistências no discurso do livro-reportagem.** Guarapuava: Editora Unicentro, 2010.
- PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais.** São Paulo: Educ, 2013.
- Edições da revista Veja analisadas
- Veja, edição 01 - 11/setembro/1968
- Carta do Editor: Prezado Leitor:
- Veja, edição 2206 - 02/março/2011
- Carta ao Leitor: Informação organizada, contextualizada e analisada
- Veja, edição 2214 - 27/abril/2011
- Carta ao Leitor: Veja funciona
- Veja, edição 2225 - 13/julho/2011
- Carta ao Leitor: Ação fulminante
- Veja, edição 2226 - 20/julho/2011
- Carta ao Leitor: A força da opinião pública
- Veja, edição 2228 - 03/agosto/2011
- Carta ao Leitor: Sentinela avançada
- Veja, edição 2229 - 10/agosto/2011
- Carta ao Leitor: A agressão do “doutor Júlio”
- Veja, edição 2231 - 24/agosto/2011
- Carta ao Leitor: O loteamento é a raiz da corrupção
- Veja, edição 2287 - 19/setembro/2012
- Carta ao Leitor: Lula era o chefe
- Veja, edição 2338 - 11/setembro/2013
- Carta ao Leitor: A busca da verdade
- Veja, edição 2353 - 25/dezembro/2013
- Carta ao Leitor: A favor do Brasil
- Veja, edição 2390 - 10/setembro/2014
- Carta ao Leitor: Uma edição memorável
- Veja, edição 2391 - 17/setembro/2014
- Carta ao Leitor: Quando o PT controla a mídia
- Veja, edição 2398 - 05/novembro/2014
- Carta ao Leitor: A busca da verdade
- Veja, edição 2420 - 08/abril/2015

Carta ao Leitor: A religião e a ciência

Veja, edição 2428 - 03/junho/2015

Carta ao Leitor: Os “rascunhos da história”

Veja, edição 2454 - 02/dezembro/2015

Carta ao Leitor: A operação passe livre

Veja, edição 2466 - 24/fevereiro/2016

Carta ao Leitor: De que lado está Veja?

Veja, edição 2477 - 11/maio/2016

Carta ao Leitor: O fórum e o livro

Veja, edição 2478 - 18/maio/2016

Carta ao Leitor: Com orgulho, os olhos do Brasil

Veja, edição 2493 - 31/agosto/2016

Carta ao Leitor: Sua excelência, o leitor

Submissão em: outubro de 2019.

Aceite: janeiro de 2020.